

## UM PAÍS COMO ÊSTE

Rubem Braga

A POLÍCIA no Brasil sofre de um mal triste: a falta do que fazer. O nosso povo vive em sossêgo e abundância, com suas famílias felizes, e a organização social é tão perfeita que ninguém se lembra sequer de cometer crimes. O resultado é que as autoridades policiais têm de inventar o que fazer para justificar o dinheiro que recebem do Estado.

Vimos no Rio o general Dario Coelho, secretário de Segurança Pública, mandar três investigadores e um choque da Polícia Militar impedir um debate público sobre a obra de Bertold Brecht. Talvez ache o general que a obra de Brecht está acima de qualquer discussão. Assinalemos com alegria que os policiais foram intransigentes, mas pólidos; estavam ali cumprindo ordens. Quando o organizador dos debates foi à Secretaria de Segurança, encontrou o general Dario Coelho em companhia de mais três generais: o general Osvaldo Nieméier, superintendente da Polícia Política; o general Milton Lisboa, comandante da Força Policial, e o general Jaime Graça, chefe de gabinete do secretário. Contam as fôlhas que o escritor Hélio Silva, que era o promotor dos debates, manteve uma palestra cordial com os quatro generais desde as 18h10m até as 20h10m, quando se chegou a uma solução feliz: o debate público sobre as peças de Brecht poderá ser feito. E foram todos jantar.

Congratulemo-nos com o general Dario Coelho por essa sábia decisão; na verdade eu me pergunto se ainda vale a pena o debate público; Brecht, afinal de contas, já foi debatido, durante duas horas, por um escritor e quatro generais. Em que país do mundo há quatro generais capazes de gastar duas horas preciosas — as horas do aperitivo — a discutir Brecht?

Outro policial imaginoso e surrealista é o delegado de Costumes de Belo Horizonte (que pena, perdi o recorte onde estava seu nome), que declarou não admitir mais o uso de binóculos. Sempre que perceber que de um escritório ou apartamento alguém está espiando os vizinhos com um binóculo, ãle subirá ao edifício, tomará o binóculo e prenderá o seu dono. Algum bacharel mesquinho dirá que espiar não é crime; e o mirone não faz mal a ninguém. O delegado acha que a balda de espiar é malsã e deve ser reprimida; ver mulher nua de longe leva o infiel a planejar coisas reprováveis de corpo presente.

Talvez fôsse melhor fazer, pela imprensa e pelo rádio, um apêlo à mulher mineira para não ficar nua diante da janela; mas isso seria decepcionar os mirones e mais ainda o delegado, que não sabe mais o que fazer para defender os bons costumes da família belo-horizontina. Em terra de tanta virtude, que poderá fazer, para não morrer de tédio, um delegado de Costumes?

É como dizia (se o marechal Castelo Branco me permite a citação), o poeta Olavo Bilac:

«Criança, tu nunca verás um país como êste!»